

O dilema do crescimento

Estudo de Fábio Giambiagi mostra que não existe fórmula mágica

SÔNIA ARARIPE
EDITORA DE ECONOMIA

Ao menos em um ponto todos os candidatos à Presidência da República concordam: o Brasil precisa voltar a crescer a taxas mais animadoras do que a média de 2,7% do Produto Interno Bruto registrada no período de 1991 até 2000. Este ano, a expectativa de economistas é de que o país cresça, na melhor das hipóteses, cerca de 1,5%.

Um estudo recente do economista Fábio Giambiagi, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), intitulado *Restrições ao crescimento da economia brasileira: uma visão de longo prazo*, no entanto, mostra que para o ritmo de crescimento voltar a ser expressivo é preciso muito, mas realmente muito, mais do que boa vontade.

“Não há mágica. E, como dizia Garrincha, ainda é preciso combinar com os adversários”, brinca Giambiagi. Ele é hoje um dos mais respeitados economistas da sua geração, que tem contribuído de forma decisiva para o debate sobre para onde caminha o país com estudos nos quais discute os principais entraves à expansão da economia nacional, como a excessiva dependência de capital internacional e a ínfima poupança interna.

Baseado em várias projeções, o técnico do BNDES aponta que serão necessários investimentos de cerca de 27% do PIB para alcançar um crescimento econômico médio anual de 5%. A projeção leva em con-

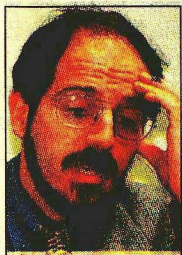
ta que a relação entre capital e produto (quanto a produção cresce para o capital investido) fique em torno de 3. Hoje, essa taxa de investimentos está por volta de 20% do PIB. Pode parecer relativamente pouco subir os investimentos de 20% para 27% do PIB, mas Giambiagi reforça que a maior parte das variáveis estarão fora do controle do futuro presidente.

“Dependerá principalmente do crescimento da economia mundial, do nível de poupança dos brasileiros e do cenário que poderá incentivar, ou não, a velocidade do acréscimo das exportações”, explica.

E como os empresários e investidores se sentirão entusiasmados para investir mais, impulsionando a economia? Giambiagi reforça que não tem a fórmula pronta.

Mas que regras estáveis, economia aberta e incentivos que levem as empresas à modernização são variáveis importantes.

Assim, caso o petróleo dispare por conta de conflitos na região do Iraque, se os Estados Unidos entrarem em recessão, além do Japão e Europa não aumentarem o ritmo de suas economias, dificilmente será viável sonhar com crescimento das exportações. Giambiagi frisa que a reforma tributária também será importante para ajudar a acelerar essa engrenagem a funcionar mais rápido. “Se a carga tributária continua a mesma será preciso incentivar apenas pelo câmbio. E, infelizmente, dessa forma, há impacto, por exemplo, nos juros e na inflação.”



GIAMBIAGI